

AS FANTÁSTICAS VIAGENS DE LÚCIO O MARAVILHOSO E O MÍTICO EM APULEIO

ELIETE MARLY D'ONÓFRIO*

Pensando no tema *Viagem...Viagens*, lembrei-me da incrível viagem de Lúcio, personagem de Apuleio - autor que viveu entre 126 e 170 da era cristã, madaurensis de origem, figura polêmica e controversa como se depreende de sua obra.

Nesta, podemos acompanhar a viagem ao maravilhoso - porque é a esse mundo do fantástico que nos remetem as aventuras do homem transformado em asno, e, como tal, viajante de terras inóspitas e memoráveis como as dos contos de fadas - e viagem ao mítico - porque a esse tempo nos conduzem as peripécias do jovem ansioso por conhecer as artes mágicas, bem como a própria condição de asno a que se vê submetido.

Por que um asno? O próprio Lúcio, emprestando verossimilhança à sua metamorfose, afirma que as longas orelhas lhe permitiam ouvir melhor o que de outra forma lhe seria vedado. Mas parece haver também uma razão mítica, como o aponta a Profa. Sílvia de Carvalho em sua análise antropológica do Hino a Deméter e os Mistérios Eleusinos, de autoria atribuída a Homero e traduzido pela Profa. Daisi Malhadas:

além disso, há indícios de que o burro já tinha, em tempos micênicos, uma importância religiosa que, suspeitamos, deve estar ligada justamente ao sacerdócio. Lévi-Strauss (...) reproduz um afresco de Tirinto, mostrando uma procissão de personagens com cabeças de burro. Podemos lembrar também a obra de Apuleio (O Asno de Ouro ou As Metamorfoses), obra bem posterior (e latina), é verdade (século II D.C.), mas cuja inspiração é grega e

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa.

parece bem arcaica. Nela, o asno aparece como associado ao sacerdócio de Ísis... (p. 34).

O livro de que tratamos inspirou-se numa versão grega antiga, atribuída a certo Luciano, ou, talvez, mais remotamente, a Lúcio de Patras; Apuleio acrescentou à tal versão o episódio de Amor e Psiquê, detalhes mais notáveis da recuperação da forma humana e todo o capítulo relativo à iniciação aos cultos de mistério de Ísis.

Além dessa inspiração grega, uma releitura de *O Asno de Ouro*, também conhecido como Lúcio, *O Asno* ou *Metamorfoses*, permite-nos analisar, de imediato, sua forma, que remonta, possivelmente, às mais populares de poesia que floresceram no período arcaico da literatura latina, simultaneamente aos *Carmina Convivalia* (poemas - cantos proferidos durante os banquetes e fonte dos poemas épicos presentes nas obras de Lívio Andrônico e Nêvio), sendo constituídas pelas *atellanae*, pelos *fescennini* e pelas *saturae dramaticae*.

As *atellanae* tinham esse nome por terem nascido na cidade de Atella; representavam em geral tipos característicos: **Pappus** - o velho ridículo; **Maccus** - o bobo; **Dossenus** - o corcunda sábio, personagens estes que permanecem na comédia latina posterior, conservando-se seus traços nas farsas e, nas páginas de Apuleio, nas figuras retratadas: as alcoviteiras, os donjoões, os moleiros, a polícia, o hortelão, o avarento, o agiota, os vendedores de peixe, e, sobretudo, os cornudos.

Os *fescennini* eram semelhantes às *atellanae*, provindo seu nome da cidade etrusca de Fescennia. Compunham-se de diálogos de caráter satírico, malicioso e também licencioso, recitados em festas religiosas pelos camponeses. A essas composições, mais tarde, juntaram-se o canto e a dança, constituindo-se as *saturae dramaticae*.

Em seu comentário à tradução de *O Asno de Ouro*, Ruth Guimarães, analisando a dissolução da literatura latina nessa época, destaca uma renovação, entretanto, que ocorre com o aparecimento do romance:

Surgira com o Satyricon, o livro mais estranho de toda a Literatura Romana, atribuído a Petrônio- sátira forte, feroz, cruel, realista, impiedosa, obscena, sem nenhuma ternura humana, sem nenhum pensamento generoso, sem nenhum ideal. Livro que chafurda na imoralidade e na corrupção, parecendo deleitar-se o seu autor com elas. No entanto, espelhava com uma verdade dolorosa a vida da

sociedade romana do tempo. Nas pegadas desse livro funesto viria Apuleio com O Asno de Ouro, e viria Gil Blas, de Santillana, dezessete séculos mais tarde, e viriam depois Tristram Shandy e Tom Jones (p. 7).

Também é ela - Ruth Guimarães - quem explica o aparente cochilo de Apuleio-autor ao apresentar o personagem-narrador Lúcio como cidadão grego, cujo berço declara ter sido a Himeto ática, o Istmo ifireu e a Tenaro espartana no livro I, 1, e, inesperadamente, no livro XI, 13, ao identificar-se com ele, quando afirma ser um pobre cidadão africano de Madaura:

Imagino que, como se trata de narrativas populares, o Lúcio, o Asno, Apuleio enfim, é este, aquele, e outros, gente de todos os tipos e feitios, é o que escuta e é o que conta, para se resumir no fim, numa síntese, como o homem de Madaura que enfeixou os contos (p. 13).

O romance satírico, dividido em onze livros, narra em primeira pessoa as aventuras do jovem Lúcio, que parte de Corinto rumo a Tessália, onde se praticam as artes mágicas, imbuído do desejo de conhecê-las.

Temos, aqui, a primeira etapa das viagens de Lúcio, uma viagem espacial que penetrará as outras duas espécies de viagem, ao maravilhoso e ao mítico, em toda a obra.

Chegando a Hípata, importante cidade da Tessália, é hospedado por Milão, um rico avaro, cuja esposa, Panfília, é uma temida feiticeira. A empregada Fótiis torna-se amante de Lúcio, que a convence a levá-lo ao salão onde Panfília faz suas mágicas e, vendo-a transformar-se em coruja, induz Fótiis a passar sobre o corpo dele o mesmo unguento usado pela feiticeira; mas Fótiis troca o pote e, em vez de ave, Lúcio vê-se transformado em asno.

Iniciamos aqui a viagem ao maravilhoso: o incidente seria banal, pois bastaria que ele comesse pétalas de rosa para desencantar-se, se, naquela noite, bandoleiros das montanhas não assaltassem a casa de Milão, a quem assassinam, roubando-lhe toda a prataria e o ouro, carregando tudo às costas dos três animais ali encontrados: o cavalo de Lúcio, o próprio Lúcio, agora asno, e um asno verdadeiro. Dirigem-se ao esconderijo nas montanhas, onde mantêm prisioneira a jovem Caridade, pela qual pretendem elevado resgate.

O noivo da prisioneira, Tlepólemo, disfarçado de bandido, embebeda os ladrões e salva a jovem e o burro Lúcio, o qual, após algum tempo sob a proteção do casal, cai nas mãos de uma mulher malvada e de um rapaz igualmente mau. Pesando sobre ele a calúnia de luxúria, vê-se condenado à castração, mas consegue salvar-se, passando por novas aventuras e pelas mãos de camponeses, depois de um bando de homossexuais - falsos sacerdotes da deusa Atargátis, cuja estátua carrega nas peregrinações. Descoberta a falsidade dos sacerdotes, Lúcio é vendido a um moleiro, que o atrela à mó. Nesse trabalho penoso, tem a oportunidade de ouvir e presenciar três episódios de adultério. É, depois, vendido a um hortelão, que o perde para um soldado presunçoso. Passa a servir a donos de uma pastelaria ou confeitaria e, finalmente, consegue alimentar-se dignamente, como homem que é, sob a aparência de burro, até que seus donos descobrem tão diferentes hábitos gastronômicos num burro e passam a usá-lo, a partir disso, como atração circense, ganhando muito dinheiro às suas custas.

Uma mulher criminosa é condenada a ter relações sexuais com o burro Lúcio, em público, no anfiteatro. Para evitar tal contacto com uma celerada, Lúcio foge e, chegando a uma praia, desesperado, suplica à deusa Ísis que o auxilie.

Embora o maravilhoso e o mítico permeiem todo o livro, marcamos nesta etapa o mergulho na viagem aos domínios do mito. A deusa Ísis aparece ao nosso herói, na praia, em sonhos e orienta-o sobre o procedimento que deve ter para voltar à forma humana: deverá comer as rosas que o sacerdote ofereceria a ela, no dia seguinte, durante uma procissão religiosa. Lúcio obedece e, cheio de alegria, retoma a sua identidade real e recupera - dom inigualável - a linguagem! Inicia-se nos rituais secretos de adoração a Ísis, é consagrado, adquirindo o esplendor que cabe aos eleitos da deusa. Uma nova iniciação é-lhe exigida; desta vez, ao deus Osíris que, findos os ritos, aconselha-o a transferir-se para Roma, onde exerce dupla função: sacerdote e advogado.

Esta é a linha central da narrativa, à qual se incorporam doze microfábulas, ouvidas de outrem ou presenciadas por Lúcio enquanto asno, que mantêm o interesse e a vivacidade da ação.

Neste romance satírico-picaresco, Apuleio traz-nos a linguagem do dia-a-dia, simples, clara, direta, às vezes; em outras, pesada de intenções. Nele sentimos bem as palavras de Jaa Torrano:

As mentiras são símeis aos fatos enquanto se dissimula a unidade que, por estar na raiz da similitude, une, simultaneamente, em um só lugar, o símil e o ser-mesmo (...). Ao dar-se como símil, o ser-mesmo se dissimula pela simulação dessa similitude que, na força do semelhar e do simular, apresenta-o como simulacro (a mentira símil) (p. 26).

Este simulacro presente em toda a macrofábula de Lúcio conduz-nos à carnavalesação do romance latino, representada pela tendência de oposição à norma, de vazão ao instinto, revolta, crítica, em suma, negação de valores maiores ou socialmente aceitos.

Temos aqui o herói pícaro, homem por dentro, asno por fora, usando de sua condição física para melhor ouvir e bisbilhotar sem punição, em oposição ao herói mítico, representado na literatura latina por Enéias, filho da deusa Vênus, que vive orientado para a realização ideal.

Também sentimos o espírito dionisíaco, enquanto embriaguez, libertando os instintos e expondo o verdadeiro "eu" de cada um, guiando - talvez, melhor dizendo, desviando - para caminhos do prazer, da luxúria, do pecado, os incautos viandantes da narrativa de Lúcio. É, então, a força da natureza que embriaga o homem e, de acordo com o deus de que deriva - Baco - notabiliza-se pela aceitação da vida tal qual se apresenta, sem otimismo ou pessimismo, mas vida plena, em seu valor absoluto, como pensava Nietzsche.

Representando o período do declínio do Império e da literatura latina, a sátira picaresca de *O Asno de Ouro* traz-nos a palavra símil, criadora e mantenedora do simulacro em que o homem se desumaniza, não apenas no sentido físico, mas também no sentido moral, como os animais, cuja aparência chega a assumir.

O livro XI, relatando a metamorfose asno/homem graças à interferência da deusa Ísis, mostra-nos o mais longo texto sobre os cultos de mistério que nos chegou da antigüidade.

Em *Antigos Cultos de Mistério*, Walter Burkert diz que

os mistérios eram rituais de iniciação de caráter voluntário, pessoal e secreto, que visavam a uma transformação do espírito por meio da experiência do sagrado (p. 24).

Em seu relato, Lúcio revela a deusa Ísis, identificando-a com a Lua e todas as deusas, o que a faz brilhar tanto no mundo dos vivos como no dos mortos:

Venho a ti, Lúcio, comovida por tuas preces, eu, mãe da Natureza inteira, dirigente de todos os elementos, origem e princípio dos séculos, divindade suprema, rainha dos Manes, primeira entre as habitantes do céu, modelo uniforme dos deuses e das deusas. Os cimos luminosos do céu, os sopros salutares do mar, os silêncios desolados dos infernos, sou eu quem governa tudo isso, à minha vontade. Potência única, o mundo inteiro me venera sob formas numerosas, com ritos diversos, sob múltiplos nomes. Os frígios, primogênitos dos homens, me chamam deusa-mater, e deusa do Pessinúncio; os atenienses autóctones, Minerva Cecropiana; os cipriotas banhados pelas ondas, Vênus Pafiana; os cretenses portadores de flechas, Diana Ditina; os sicilianos trilingües, Prosérpina Estígia; os habitantes da antiga Elêusis, Ceres Acteana; uns Juno, outros Belona; estes Hécate, aqueles Rhamnúsia. Mas os que o Sol ilumina com seus raios nascentes, quando se levanta, e com seus últimos raios, quando se inclina para o horizonte, os povos das duas Etiópias e os egípcios poderosos por seu antigo saber, honram-me com o culto que me é próprio, chamando-me pelo meu verdadeiro nome: rainha Ísis (Apuleio, s/d,p. 182).

Ela vem disposta a ajudá-lo, mas também a cobrar sua devoção ilimitada:

Mas, acima de todas estas coisas, lembra-te e guarda sempre gravado no fundo do teu coração, que toda a tua carreira, até o fim da tua vida, e até o teu derradeiro suspiro, me foi penhorada (Apuleio, s.d, p.183).

Iniciou-se, então, a preparação ritual de Lúcio: ele agregou-se, como leigo, na qualidade de companheiro e comensal, aos sacerdotes. Entrementes, Ísis aparecia-lhe em sonhos, insistindo que não adiasse por mais tempo sua iniciação, à qual, por temor religioso, não se dispusera ainda. Um presságio de uma recompensa em forma de um servidor, havido em sonho e realizado no dia seguinte, quando servos provenientes de Hípata lhe trouxeram seu cavalo branco, fê-lo, finalmente, decidir-se a procurar o sacerdote, que o aconselhou a aguardar com paciência a manifestação

divina, já que *o próprio ato da iniciação representa uma morte voluntária e uma salvação obtida pela graça* (Apuleio, s.d, p. 191). Chegado afinal o dia de sua consagração, o sacerdote o acolheu, leu para ele textos escritos em caracteres desconhecidos que orientaram os preparativos. Após uma cerimônia de purificação pela água, seguiram-se dez dias de jejum e recolhimento, findos os quais foi vestido de linho e levado à parte mais recuada do santuário.

Os ritos que se seguiram, Lúcio omite-os por preceito, só narrando o que era permitido:

Aproximei-me dos limites da morte. Pisei o portal de Prosérpina, e voltei, trazido através de todos os elementos. Em plena noite, vi brilhar o Sol, com uma luz que cegava. Aproximei-me dos deuses dos infernos, dos deuses do alto: vi-os face a face e adorei-os de perto. Eis aí a minha narração, e o que não ouvistes, estás condenado a ignorar. Limitar-me-ei a relatar o que for permitido, sem sacrilégio, revelar à inteligência dos profanos (Apuleio, s.d, pp. 192/193).

Após todos os rituais secretos, Lúcio sobe ao estrado de madeira erguido diante da imagem da deusa, vestido com a estola olímpica - nome que os iniciados davam aos trajes cerimoniais - carregando uma tocha acesa e tendo na cabeça uma coroa de palmas. Completa-se o cerimonial e Lúcio volta a Madaura, depois a Roma. Ali, inicia-se no culto de Osíris, orientado por novo oráculo onírico. Uma terceira iniciação é-lhe exigida e Osíris lhe aparece - em sonho - incitando-o a continuar resolutamente sua carreira de advogado, e fazendo-o, enfim, entrar para o colégio de seus pastóforos, elevando-o à classe de decurião quinquenal.

Comentando tal seqüência, Burkert diz que

assim, a iniciação marcaria uma etapa entre a condição de fiel de maneira geral e a indicação para o corpo administrativo. No entanto, não há qualquer indicação de que um tal cursus honorem uniforme e constante constituísse a regra (p. 62).

Interessante é notar, ainda, que o nome do sacerdote da primeira iniciação de Lúcio era Mitra, não casualmente o nome de uma antiqüíssima divindade indoiraquiana, documentada desde a Idade do Bronze, cujo nome

significa, para Burkert: *o intermediário, no sentido de tratado e promessa de fidelidade.*

Algumas etapas dos cultos de mistérios, como o ritual de purificação - a que chamamos batismo -, o jejum e abstinência - igualmente usados nos dias atuais, nas religiões mais difundidas - a passagem da morte para a vida plena - fundamento das religiões cristãs -, a simbologia da própria palavra mitra, além dos mistérios eles-mesmos, fazem-nos pensar que, realmente, os rituais religiosos se preservam em práticas mais ou menos requintadas, porém e sempre, irmanadas por um princípio mítico comum que se situa na crença, na fé que move montanhas, em qualquer tempo ou lugar dentro daquilo que chamamos o humano do homem.

Como conclusão, acrescentaríamos que viajar ao maravilhoso e ao mítico é a manifestação do anseio maior do homem de transitar pela vida em busca do divino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- APULEIO, L. *O Asno de Ouro*. Rio de Janeiro: Ed. Tecnoprint S.A., s.d.
- BURKERT, W. *Antigos Cultos de Mistério*. São Paulo: EDUSP, 1991.
- CARVALHO, S. M. S. Hino a Deméter e os Mistérios Eleusinos. *Almanaque Cadernos de Literatura e Ensaio*, 10. São Paulo: EDUSP, 1978.
- GUIMARÃES, R. O homem de Madaura. In: Apuleio. *O Asno de Ouro*. Rio de Janeiro: Ed. Tecnoprint S. A., s.d.
- HESÍODO. *Teogonia. A Origem dos Deuses*. Estudo e Tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Roswitha Kempf Editores, 1989.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- D'ONÓFRIO, S. *Literatura Ocidental*. São Paulo: Ed. Ática, 1990.
- D'ONÓFRIO, S. *Os Motivos da Sátira Latina*. Marília: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, 1968.
- LEONI, G. D. *A Literatura de Roma*. São Paulo: Livraria Nobel S.A., 1961.
- NIETZSCHE, F. *O Nascimento da Tragédia ou Helenismo e Pessimismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.